



VIRGINDADE E JUSTIÇA: *TÓPOI* DE MATEUS E LUCAS (Virginity and justice: Topoi of Matthew and Luke)

Mauro Negro

Doutorando em Teologia na PUC/RJ. Professor da Faculdade de Teologia da PUC/SP
E-mail: mauronegro@uol.com.br

RESUMO

Os dois primeiros capítulos dos Evangelhos canônicos de Mateus e Lucas têm dois conceitos teológicos que precisam ser mais investigados. Trata-se de “justiça” e “virgindade”, que podem ser entendidos como “tópoi”, isto é, palavras ou conceitos muito especiais. A tentativa deste artigo é abrir o debate a respeito e propor uma nova leitura dos relatos de Anunciação, destacando as figuras fundamentais de José e Maria, referências específicas de Jesus: sua messianidade e sua humanidade.

Palavras-chave: Evangelhos; Mateus; Lucas; Justiça; Virgindade; Anunciação.

RÉSUMÉ

Les deux premiers chapitres de Évangiles canoniques de Matthew et Luc deux des concepts de transport doivent être étudiés plus théologique. C'est une question de "Justice" et "virginité" peut être comprise comme "tópoi", c'est-à-dire des mots ou des concepts. une tentative étant donné que l'article est ouvert sur un débat proposé et une nouvelle lecture des rapports des annonces-action, mettant en évidence comment fondamentales figures de Joseph et Marie, et sa référence spécifique: sa messianité et son humanité.

Mots clés : Évangiles; Matthew; Luc; Justice; Virginité; Annonciation.

INTRODUÇÃO

Os textos bíblicos abordados em uma teologia de São José e em uma teologia de Maria¹ são, em grande medida, os dois primeiros capítulos de Mateus e de Lucas². Os elementos ali elencados são diversos e têm uma notável importância, pois determinam o senti-

¹ Teologia de Maria é a Mariologia. Esta disciplina, parte da Teologia Sistemática em estreita relação com a Teologia Bíblica, é bastante conhecida e admitida. Já a Teologia de São José, que se chama “Josefologia”, é uma disciplina que, a rigor, não tem *status* de disciplina teológica. Ela é um apêndice da Mariologia e para os estudiosos não se sustenta como disciplina independente.

² São muitos os estudos que se dedicam à investigação destes dois capítulos. Pode-se indicar aqui os mais recentes e/ou que são mais marcantes: BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias*, pág. 145–194, 341–392.



do do texto completo do Evangelho ao qual pertencem³. Mas, não raro, estes quatro capítulos tiveram tratamento assaz superficial por parte dos especialistas.

Encontram-se nestes capítulos, de modo especial no primeiro capítulo de Mateus e de Lucas, duas palavras que são constatação de identidade: a primeira, “justo”, *dikaios*, em Mateus, de pessoa; a segunda, em Lucas, “virgem”, *parthenós*, de aparente circunstância física⁴. Essas duas palavras aqui são vistas como conceitos e têm notável importância na Teologia que os textos onde se encontram desejam transmitir ou comunicar. Trata-se das palavras *justo* e *virgem*. Esses termos são aqui entendidos como “topoi”, em grego koiné *tópos*, plural *tópoi*, que significa “lugar”⁵. Trata-se de palavras que, por se repetirem, transformam-se em temas teológicos ou místicos. Os dois *topoi* que se deseja aqui observar um pouco mais de perto é “justo”, do campo semântico *justiça*, e “virgem”, do campo semântico *virgindade*. Pelo seu uso em passos importantes da Escritura, essas palavras são interpretadas como *tópoi* e aqui são abordadas.

A hipótese que se levanta é: estes *tópoi* referem-se, entre tantos sentidos, a um conceito único, ainda que com nuances distintas, mas definida. Trata-se da dedicação à vontade do Altíssimo. Por isso, José e Maria são, ele um justo, ela a virgem. Para além dos limites conceituais de ambos os termos, eles apontam para mesma realidade — os pais de Jesus são escolhidos para tanto pois estavam no caminho da mais intensa vontade do Altíssimo.

I. CONCEITOS

A aproximação da Sagrada Escritura exige alguns cuidados e atenções quanto aos métodos utilizados. Para que a adequada compreensão apareça, é preciso considerar três palavras que expressam conceitos que devem ser observados na análise dos textos. Trata-se dos conceitos “palavra”, “contexto” e “história”.

1.1. PALAVRA

Justiça e virgindade são propostas aqui como *tópoi*, um conceito teológico que se localiza⁶ em textos específicos de importância particular. *Tópoi*, então, são temas teológicos, que podem ser palavras, conceitos e até imagens e que definem algum aspecto da teologia do livro bíblico ou até o próprio livro bíblico. No caso presente, o que se investiga é

³ Trata-se aqui da ideia de “aberturas dos Evangelhos” — cada Evangelho tem uma introdução que reúne os temas teológicos que, por sua vez, apontam para o conjunto do Evangelho. Eles dão o “tom” teológico sobre o qual o texto se desenvolverá.

⁴ O que se deseja neste artigo é, justamente, demonstrar que *virgem*, pode ser mais do que uma descrição de circunstância física, ainda que isso esteja implícito.

⁵ A respeito deste conceito e sobre o uso deste recurso literário na Escritura, conferir: ALETTI, Jean-Noël, et alii. *Vocabulário razonado de la exégesis bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores, pág. 111. DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de exegese bíblica*, pág. 243–246.

⁶ Por isso é *tópos*, lugar: pois é uma palavra em um ponto de um texto, em um lugar, que gera uma comunicação.



a possibilidade de “justiça” e “virgindade” serem *tópoi*, lugares teológicos ou palavras teológicas que apontam para uma situação ou conceito.

Os textos de Mateus e Lucas, nos seus dois primeiros capítulos, são identificados de vários modos. “Evangelhos da Infância”, “Pré-história dos Evangelhos” são os títulos mais usados. Tarcísio Stramare⁷ os chama de “Evangelho dos Mistérios da Vida Escondida de Jesus”. O modo de identificar, ainda que longo, expressa muito satisfatoriamente o que lá se encontra.

A questão fundamental que aqui se deseja expor é se há algum tipo de sintonia entre os conceitos de “justiça” e “virgindade” como são encontrados em Mateus 1,18–25. Retorna-se, assim, ao Evangelho de Mateus⁸ e ao campo bíblico das Anunciações. Para tanto, é necessário investigar alguns elementos que expressam, cada um à sua maneira, dificuldades de compreensão. As palavras, individualizadas, já são focos de investigação e serão analisadas. Contudo, é necessário insistir que cada palavra tem uma notável importância no conjunto de uma análise sincrônica ou diacrônica e deve ser um passo fundamental para a correta compreensão do texto.

1.2. CONTEXTO

Para compreender os Evangelhos e sua extensão, ou então algum aspecto pontual que eles apresentam, é necessário esclarecer algumas características que lhes são inerentes. As palavras, na sua individualidade, já foram destacadas como elementos fundamentais. No entanto, elas estão em um contexto. Trata-se do entorno do texto. Aqui cabem muitas possibilidades de análise, porém fica-se com o aspecto maior do citado entorno: o grande gênero literário ou a identidade do texto em seu conjunto. O gênero literário é o de “evangelho” e este é um gênero complexo, composto de vários outros gêneros. Aqui se entende o gênero literário “evangelho” como literatura narrativa, todavia não historiográfica.

Os evangelhos apresentam o Evento Jesus Cristo em forma, basicamente, narrativa. No entanto, é preciso considerar que uma parte muito significativa do anúncio ou kerigma de Jesus Cristo e seu Evento encontra-se nas Cartas ou Epístolas, em especial no *Corpus Paulinum*, bem como nos demais escritos do Novo Testamento.

Os Evangelhos, contudo, são os que mais chamam a atenção na leitura, encantam os leitores e povoam a imaginação dos artistas. No entanto, a compreensão que se tem dos Evangelhos como literatura é muitas vezes deficitária. Existem alguns limites de conceituação que, não sendo considerados, terminam por desviar dos objetivos dos textos. Isso tudo diz respeito ao gênero literário dos Evangelhos e sua extensão ou abrangência conceitual.

⁷ Cf. STRAMARE, Tarcísio. *Vangelo dei Misteri della Vita Nascosta di Gesù*. Matteo e Luca I-II. Stramare possui outras obras que abordam também particulares dos textos neste livro investigados.

⁸ Cf. a respeito dos anteriores estudos: NEGRO, Mauro. *O Justo José*. A vocação de José, no relato de Mateus. Revista de Cultura Teológica. Ano XX, nº 77, jan/mar 2012, p. 111–140.



O gênero literário “evangelho” não é invenção do Novo Testamento. Evangelho indicava, na antiguidade, um alegre anúncio que poderia ser de qualquer tipo: político, religioso, social, militar. Um rei retornava ou uma Legião Romana se encaminhava para uma grande cidade, como a capital do Império, Roma, e um arauto, um anunciador, se adiantava e portava o anúncio da vitória na batalha. Ele fazia um “bom anúncio”, um “alegre anúncio”, trazia uma “boa notícia”. Isto tudo se expressa, em grego, com a palavra *euanghélion*, evangelho.

Se a palavra e o conceito “evangelho” não é invenção dos que escreveram o texto dos livros que abrem o Novo Testamento, o uso específico como literatura narrativa e sua complexidade de gêneros é, efetivamente, iniciativa cristã. Originalmente os evangelhos da antiguidade, os alegres anúncios de vitória, de aproximação de uma autoridade política ou de um fato relevante eram praticamente frases curtas. Hoje poderiam ser os *slogans*, que em poucas palavras transmitem informações de importância, ou as propagandas de cartazes, de chamadas de áudio ou de vídeo: em poucas imagens e palavras são apresentados produtos, valorizados suas prerrogativas e são propostos ao consumo.

Os primeiros evangelhos escritos pelos cristãos deviam ser anúncios de algo muito importante. E o que poderia ser mais importante do que a ressurreição de Jesus? A ela se segue a paixão e morte de Jesus. Isto tudo é um evangelho que deveria ser anunciado e proposto para ser seguido. Antes de seguido ele deveria ser crido, acreditado.

Neste ponto podia-se considerar o processo de formação dos textos do Novo Testamento. Não obstante os quatro Evangelhos ocuparem o primeiro lugar no cânon do Novo Testamento, não foram estes os primeiros textos a serem escritos, inspirados no Evento Jesus Cristo e dispostos a fazer o alegre anúncio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Os primeiros textos a serem escritos de “evangelhos”, isto é, bons anúncios, boas notícias a respeito de Jesus e de seu Evento encontram-se nos escritos paulinos. É de Paulo o mais antigo Evangelho escrito.

1.3. HISTÓRIA

Toda “palavra” tem um “contexto” e tudo isso forma um texto. Entendendo-se texto na sua complexidade, e também nas suas partes, como “palavra” e “contexto”, considere-se que tudo isso tem “história”. Trata-se de história em dois sentidos: o texto tem no seu próprio desenvolvimento, isto é, uma palavra tem uma história na sua evolução, um contexto tem uma história que pode ser investigada ao longo do tempo e esta sua própria história evidencia aspectos teológicos.

Um texto, todavia, tem também uma história para contar, que vai além dos limites impostos pelos gêneros. Isto é, ainda que o texto seja de gênero poético, mítico, epistolar ou narrativo, há uma história, o que se pode chamar de comunicação. Comunica-se uma ideia, um princípio, um Evento ou outros elementos.



Então “história” deve ser entendida sob estes dois aspectos: a história da palavra ou do contexto e a história que a palavra e seu contexto propõem. Essas duas perspectivas devem ser muito bem consideradas.

No caso específico dos *tópoi* analisados, “virgem” e “justo”, é importante compreender que tais palavras não estão ali apenas para compor o quadro narrativo, mas apontam para algo maior que deve ser considerado.

1.4. APRESENTAÇÃO DO MISTÉRIO, NÃO RELATO BIOGRÁFICO

Os Evangelhos são textos que expressam, comunicam o Mistério. Não é possível ver neles um relato biográfico. Isso tem incidência direta na compreensão dos textos em análise, pois estes não são relatos biográficos da vida de Jesus, e sim expressões de um Mistério que ultrapassa suas próprias imagens.⁹ Esse ponto precisa ser bem pontuado, pois o senso comum leva os leitores dos Evangelhos a buscá-los como um relato biográfico, o que é um erro notável. Os Evangelhos são expressões do Mistério de Jesus Cristo, Mistério que se refere à sua Pessoa e à sua Missão.

O senso comum, isto é, o modo de pensar comum e partilhado entre as pessoas, indica que mistério é o que não se conhece, o incompreensível, o inacessível. Não é esse o sentido de Mistério que queremos apresentar.

Mistério é algo que podemos conhecer. E, quanto mais conhecemos, mais podemos conhecer. É algo que, pode-se dizer, é inesgotável. Contudo, note bem uma coisa importante: não é um conhecimento intelectual apenas. Não se trata de conhecer informações e conceitos. Claro, isso também é importante e faz parte, sim, do conteúdo do Mistério.

O conhecimento do Mistério é menos o aprendizado de algo e mais a experiência com Alguém. É uma experiência de vida e de vida partilhada. São Paulo, na carta aos Colossenses, quando fala de seu trabalho de evangelização na Igreja, afirma em 1,25–28:

Dela [a Igreja] eu me tornei ministro por encargo divino a mim confiado a vosso respeito, para levar a bom termo o anúncio da Palavra de Deus, o mistério escondido desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado aos seus santos. A estes quis Deus tornar conhecida qual é entre os gentios a riqueza da glória deste mistério, que é Cristo em vós, a esperança da glória. Esse Cristo nós o anunciamos, advertindo os homens e instruindo-os em toda sabedoria, a fim de apresentá-los todos, perfeitos em Cristo.

O “mistério escondido” é o próprio Deus, revelado em Jesus Cristo. E quem aceita Jesus Cristo, entra em comunhão com Deus. Isso é possível não apenas para os judeus, herdeiros naturais das promessas feitas no Antigo Testamento, mas também para os não judeus, chamados de gentios. Compreende, conhece o Mistério quem aceita Jesus Cristo

⁹ Este é um ponto difícil de ser compreendido, pois se trata do senso comum e, aliás, não apenas o senso comum, mas a aproximação que um leitor comum tem com estes textos é de conto biográfico.



como caminho para chegar até Deus. O Evangelho é, assim, a exposição do Mistério de Deus vivido em Jesus Cristo. Cada etapa da vida de Cristo revela parte desse Mistério e coloca cada ser humano em comunhão com Deus.

Os textos, como estão agora apresentados no cânon neotestamentário, tiveram uma história complexa. Sempre é necessário apresentar primeiramente o que é mais importante e deixar para depois o que é secundário. Dessa forma, cria-se certa precedência de um anúncio sobre o outro, de uma memória sobre a outra, de um mistério sobre o outro.

Os Evangelhos canônicos são quatro e, originalmente, não têm autoria estabelecida. Ela aparece mais tarde e de modo indireto: são os Evangelhos segundo **Mateus, Marcos, Lucas e João**.

II. PROJETOS TEOLÓGICOS DIVERSOS

Como qualquer texto, cada Evangelho tem um ou mais motivos. Seus autores, parte de um processo complexo de composição e harmonização textual, têm interesses de comunicação de uma mensagem. O processo comunicativo de um texto é interessante de ser analisado, contudo ultrapassa os limites deste ensaio.

2.1. O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

São muitos os estudos aprofundados disponíveis sobre o Evangelho de Mateus e que poderão ser consultados para sua melhor compreensão¹⁰. Trata-se, contudo, de olhar o

¹⁰ Podem ser citados muitos estudos clássicos e outros mais modernos a respeito de Mateus. Eis alguns, em língua portuguesa, que parecem ser interessantes: SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. Trad.: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000, especialmente as pág. 23–50; 205–270 (Coleção Bíblia e História). ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. Trad.: M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1990, especialmente as pág. 7–33 (Coleção Cadernos Bíblicos). VV.AA. *Leitura do Evangelho de Mateus*, Trad.: Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1985, especialmente as pág. 10–22 (Coleção Cadernos Bíblicos). Também em italiano, uma obra interessante e que tenta ser completa: MELLO, Alberto. *Evangelo secondo Matteo*. Magnano: Edizione Qiqajon, Comunità di Bose, 1995, especialmente as pág. 11–48. BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 2012, pág. 261–326 (Coleção Bíblia e História. Série Maior). CUVILLIER, Élain. O Evangelho de Mateus. In: MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento. História, escritura e teologia*. Trad.: Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009, pág. 81–106. BARBAGLIO, Giuseppe. O Evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. Trad.: Jaldemir Vitório, Giovanni di Biásio. São Paulo: Loyola, 1990, pág. 33–420 (Coleção Bíblica Loyola). Em italiano, um estudo interessante quanto à identidade de Jesus em Mateus: GAMBÀ, Giuseppe Giovanni. *Vangelo si San Matteo. Una proposta di lettura. Parte prima: Mt 1,1–4,16. Chi è Gesù Cristo*. Roma: LAS, 1998, especialmente as pág. 11–54. O clássico (original alemão): GNILKA, Joachin. *Il Vangelo di Matteo*. Brescia: Paideia, 1991. Algumas obras clássicas devem aqui ser lembradas: TRILLING, Wolfgang. *O anúncio de Cristo nos Evangelhos Sinóticos*. Trad.: J. Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 2ª ed., 1981. McKENZIE, John L. *Evangelio segun San Mateo*. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentário bíblico “San Jeronimo”*. Tomo III. Trad.: Alfonso de la Fuente Adanez, Jesus Valiente Malla, Juan Jose del Moral. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972. KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad.: Paulo Feine e João Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 1982. pág. 121–148. Não se pode esquecer BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Trad.: Ilson Kauser. São Paulo: Teológica, 2004, especialmente no que diz



conjunto do texto mateano e compreender seu amplo contexto. Aqui se fará uma análise breve para focalizar a questão que se propõe: a qualidade da justiça que se exige dos discípulos¹¹ e sua possível atualidade¹².

2.1.1. O TEXTO CANÔNICO DE MATEUS

O texto de Mateus foi abundantemente usado pela antiguidade, demonstrando-se de notável apelo querigmático e catequético, sobretudo catequético, o que se pode ver de sua própria natureza. Sua origem e marca judaica¹³ aparecem até na identificação das cinco partes¹⁴, aludindo à Torah, de cinco livros.

Mateus é o primeiro evangelho canônico, o que pode ser significativo¹⁵. A referência ao seu primado em relação aos outros textos evangélicos é dada por Eusébio, em História Eclesiástica:

(...) Entretanto, dentre todos eles¹⁶, somente Mateus e João deixaram memória dos entretenimentos do Salvador. E a tradição refere que estes escreveram forçados pela necessidade. Mateus, de fato, pregou primeiro aos hebreus. Como devia também partir para anunciar a palavra a outros, deixou por escrito na língua pátria o evangelho, suprindo a falta de sua presença por meio dos escritos junto daqueles dos quais se apartava.¹⁷

A informação de Eusébio não é levada tanto a sério pela exegese contemporânea, todavia indica, dentro de seu contexto, a importância do texto de Mateus e sua reputação nos primeiros séculos do Cristianismo.

Trata-se de um Evangelho muito utilizado na antiguidade, o que pode explicar sua posição de excelência no cânon. A primeira posição indica maior utilização da parte dos que deveriam tê-lo à mão para a Catequese. Os rolos, que eram as formas de transmissão textual mais comum na antiguidade¹⁸, foram aos poucos deixando seu lugar de uso para os códices. Estes eram volumes de folhas dobradas ao meio, juntadas em número de

respeito à justiça, as pág. 333–52. No que diz respeito ao conceito de Lei que, possivelmente, Jesus tinha e propunha, vale a provocativa obra de PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Trad.: Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 2011, pág. 298–05.

¹¹ O fiel batizado é, por sua própria natureza, um discípulo. No entanto, o fiel batizado que ingressa no caminho da VRC assume uma nova figura de discipulado e nela encontra uma radicalidade nova.

¹² O desejo de maior autenticidade por parte dos/as religiosos/as criou a exigência da busca e maior definição da identidade da VRC, o que se chama de “núcleo identitário” da VRC. Este artigo é uma humilde contribuição para reflexão e busca de respostas e caminhos de crescimento e maior autenticidade.

¹³ Cf. o comentário, pequeno, contudo oportuno, em VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*, pág. 10–11.

¹⁴ Cf. McKENZIE, John L. *Evangelio segun San Mateo*. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentario biblico “San Jeronimo”*. Tomo III, pág. 163.

¹⁵ A história da consideração do primado canônico de Mateus é relativamente complexa. Para algumas considerações possíveis, cf. McKENZIE, John L. *Evangelio segun San Mateo*. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. op. cit., pág. 165–167.

¹⁶ O autor, Eusébio, refere-se aos seguidores de Jesus, apóstolos e discípulos.

¹⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*, cap. 24, nº 6, pág. 145.

¹⁸ E que se chamavam de “livros”.



duas, três ou quatro, e depois costuradas na dobra; cada pequeno caderno era unido a outros, também pela costura, e formava um códice. Ao longo do tempo estes códices foram sobrepondo-se aos livros, que eram os rolos, e assumindo seu nome: os tais códices passaram a ser os livros; e estes foram chamados de rolos. A praticidade dos livros-códices foi vencedora da grandiosidade dos livros-rolos.

O uso do texto pelas Comunidades nascentes e as possíveis perspectivas que ele propunha aos ouvintes foram, certamente, determinantes para sua posição de primeiro posto nos volumes dos códices. É assim que Mateus, embora não seja o primeiro texto evangélico cronológico, é o primeiro canônico.

O Evangelho segundo Mateus já foi identificado como “Evangelho católico”, segundo informa W. Trilling¹⁹, não tanto pelo produto final da redação, como uma expressão confessional, visto que o texto mais “católico romano” pode ser encontrado em 16,13-20, contudo como perspectiva de abertura de horizontes, como se pode ver em 28,18-20. É possível compreender sem dificuldades que o texto mateano constrói a figura de Jesus de modo a torná-lo compreensível para uma comunidade de fiéis que se reúnem em torno à sua memória. Talvez seja esse o ponto assinalado por J. Jeremias quando põe em evidência os dois *Sitz im Leben*²⁰ do texto mateano: um de Jesus e um da Igreja nascente²¹, comunidade dos que se reuniam para compreender a mensagem de Jesus a partir da experiência de seus primeiros seguidores.

2.1.2. MATEUS NA IGREJA

Entre a questão da divisão do texto de Mateus e sua natureza pragmática, podem-se considerar alguns “marcos textuais” do Evangelho que servem também como critério de divisão. Isso parte da constatação de que Mateus é um texto fortemente catequético, dado que as perícopes são bem organizadas em função da pregação e mesmo da leitura. Parece também que os sumários são sempre bem colocados, fazendo a passagem geográfica ou psicológica de um texto ao outro.

Os momentos catequéticos por excelência parecem ser:

A. Sermão da montanha: 5—7; B. O discurso comunitário: 9,35—11,1; C. As Parábolas do Reino: 13; D. Instruções aos Apóstolos: 19—20; E. O apocalipse sinótico ou Discurso Escatológico: 24—25.

Esses são os cinco discursos, que identificam o texto de Mateus e sugerem-lhe uma referência à Torah, dando-lhe também uma identidade judaica. A cada discurso corresponde uma narração, como foi visto atrás, formando assim um belo conjunto muito útil

¹⁹ Cf. comentário de TRILLING, Wolfgang. *Il vero Israele*, pág. 20.

²⁰ *Sitz im Leben* é o famoso conceito de “lugar vital”, que deseja indicar a circunstância na qual o texto foi gerado, o que é de notável importância, pois define, em grande parte, o próprio texto. Este não é um detalhe, mas uma necessidade a ser sempre destacada.

²¹ Pode-se entender isso do contexto dos dois primeiros capítulos de J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, pág. 7–20 (ed. original alemã *Die Gleichnisse Jesu*).



para a Catequese. O que parece claro aqui é que anúncio e ensino ou querigma e catequese se articulam no texto, criando sequência e narrativa.

Jesus é o descendente de Davi, o Novo Messias que assume a identidade mais humilde e misteriosa de Filho do Homem.²² É o Messias que vem para os seus, contudo os seus não o recebem. Os magos, que são pagãos, o recebem, porém Jerusalém e as autoridades que deveriam estar atentas aos sinais dos tempos, não o aceitam.

Este Jesus inicia sua missão com o testemunho de João Batista, e passa pelas provações de sua humanidade. Depois de algumas poucas atividades, Jesus propõe seu ensinamento básico, sua “Torah”, no Sermão da Montanha. A isso se seguem milagres, ensinamentos, exortações, parábolas que indicam os novos valores que são propostos para quem deseja compor o Reino dos Céus.

Depois da escolha dos apóstolos e do seu envio em missão, Jesus passa pelas experiências da transfiguração, da aceitação e da rejeição de muitas pessoas e grupos, chegando até Jerusalém. Lá, o cerco se fecha e ele deve dar o testemunho do Messias—Servo Justo sofredor²³. Depois da crucifixão e da ressurreição, ele envia mais uma vez seus discípulos e declara que permanecerá com eles.

Para um leitor, que deseja uma história rica de emoções, de surpresas, ensinamentos, até intrigas e aventuras, Mateus é de notável oportunidade de leitura. Ele é tudo isso porque foi proposto para chamar a atenção e atrair novos discípulos.

2.1.3. MATEUS: UM TEXTO PRAGMÁTICO

Mateus é um texto pragmático, no sentido de ter sido escrito em função de objetivos que parecem ser claros ou, pelo menos, intuitivos. Uma leitura pragmática é a que estuda os textos tendo em conta o efeito que tratam de provocar no leitor, efeito que não é somente cognitivo, como também, e, sobretudo, ético.²⁴ Essa leitura pragmática apresenta várias possibilidades que podem ser resumidas em algumas questões; a questão fundamental pode ser expressa com a pergunta: Qual a função desta palavra ou deste personagem ou deste fato? A pragmática é uma investigação sobre o imediato que o texto produz.

O primeiro Evangelho canônico é todo ele uma referência à esperança messiânica de Israel: Jesus é o Filho de Abraão, Filho de Davi e isso já está claro no próprio título do texto, que é seu primeiro versículo: *Registro do nascimento de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão* Mateus (1,1). Mateus é dirigido aos judeus e, para tanto, lança

²² A teologia a respeito do Messias é de grande importância dentro da compreensão da Cristologia. Cf. a esse respeito uma obra simples, contudo bem descritiva: SICRE, José Luis. *De Davi ao Messias*. Textos básicos da esperança messiânica.

²³ O tema do “servo” e do “servo-sofredor” é importante dentro da teologia de Isaías, onde o conceito aparece de modo muito claro em 52,13—53,12.

²⁴ Cf. ALETTI, Jean-Noël; GILBERT, Maurice; SKA, Jean-Louis; VULPILLIÈRES, Sylvie de. *Vocabulário Razonado de la exegesis bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores, pág. 88.



mão de um grande número de citações de Profetas²⁵, interligando-as muitas vezes. Jesus é o cumpridor das Profecias e deve formar o “novo Israel”. Porém, também reserva para Jesus a prerrogativa sobre a Lei que não é negada, não é suprida e sim, declaradamente, cumprida: *Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim abolir, mas completar. E eu vos garanto: enquanto não passar o céu e a terra, não passará um i ou um pontinho da Lei, sem que tudo se cumpra.* (Mateus 5,17–18).

Porém, Jesus, mesmo sem negar a Lei, a supera de modo surpreendente: é o argumento dos complementos: não oposição, mas complementos, expressos nas construções literárias do capítulo cinco: “Ouvistes o que foi dito... Eu porém vos digo...”.

O evangelho de Mateus tem uma dose enorme de pragmatismo, como de resto tem também os demais sinóticos, em função da necessidade de posicionar os discípulos, seguidores do Messias, perante e o mundo e a história. Nesse ponto, a observância ou não da Lei e suas implicações no dia a dia são de notável importância. José Antonio Pagola²⁶ aborda a questão do conceito da Lei em Jesus.

O que Jesus pensava da lei? Não é fácil sabê-lo. Ao que parece, nunca se pronunciou de maneira explícita a favor ou contra. Não oferece uma doutrina sistemática sobre a Torá. (...)

Jesus confronta as pessoas não com aquelas leis de que falam os escribas, mas com um Deus compassivo. Não basta viver na dependência do que diz a Torá. É preciso buscar a verdadeira vontade de Deus, que, em não poucas ocasiões, nos podem levar além do que dizem as leis.²⁷

Já Armand de Puig informa, com um comentário interessante, que toca a pragmatismo de Mateus:

(...) Jesus não se afasta da Lei, mas mostra uma atitude flexível em relação a ela. Os preceitos éticos são fundamentais, enquanto que as formas rituais e de culto estão subordinadas a estes e devem sempre expressá-los fielmente. Os fariseus tendem a nivelar os 613 mandamentos em que dividem todas as normas da Escritura e das próprias tradições, e correm assim o risco de perverter a Lei. Contra a confusão resultante desta nivelção, Jesus realça o valor daquilo que é essencial. Não se anula nem se subestima a Lei, mas Jesus interpreta-a dentro de uma ética do coração, cujo centro é o mandamento do amor.²⁸

Mateus é um texto proposto aos discípulos que estão em um provável mundo em flagrante atividade de anúncio em ambiente judaico, possivelmente com alto grau de hosti-

²⁵ As citações das profecias são recorrentes: são aproximadamente 130 passagens em que o Primeiro Testamento é citado; destas, 43 apresentam-se como citações literais. É comum também que Mateus se sirva do texto grego da Septuaginta, demonstrando assim que este era usado pelos judeus e pelos primeiros cristãos. O exemplo mais claro desse uso está em Mateus 1,23. A predominância das citações veterotestamentárias é dos Profetas, não da Torah ou Pentateuco.

²⁶ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, pág. 298–05.

²⁷ Idem, pág. 299.

²⁸ PUIG, Armand de. *Jesus, uma biografia*, pág. 465.



lidade às propostas do Messias Jesus. Este conflito aparece nas ordens, aparentemente contraditórias, de não ir aos pagãos em 10,5–6 e em 28,19–20:

Mateus 5,5–6: “*Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidades de samaritanos. Dirigi-vos antes às ovelhas perdidas da casa de Israel*”.

Mateus 28,19–20: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei*”.

Prescindindo aqui das questões exegéticas²⁹ que o texto sugere, bem como das consequências éticas que seu pragmatismo propõe, o que se pode entrever destas poucas indicações é que Mateus é um texto para uma comunidade reunida e definida, ainda que não se conheça bem quem a compõe.³⁰

2.2. O PROJETO TEOLÓGICO DE LUCAS–ATOS DOS APÓSTOLOS

O Evangelho segundo Lucas é a primeira parte de uma obra maior, composta por Lucas e Atos dos Apóstolos. Agora devemos observar isso mais de perto e compreender os complexos processos literários pelos quais passou o texto de Lucas e precisamos também considerar os Atos dos Apóstolos. Nós os compreendemos hoje graças ao método histórico-crítico de leitura e estudo da Bíblia.

2.2.1. A EXTENSÃO DO TEXTO

O Evangelho segundo Lucas e o Livro dos Atos dos Apóstolos formam um conjunto importante no Novo Testamento. Eles apresentam uma quantia muito significativa de textos e, pela sua extensão, Lucas e Atos formam o texto mais longo do Novo Testamento: são, ao todo, 52 capítulos.

O modo de medir a extensão pelo número de capítulos não é o melhor, pois cada capítulo tem seu critério de tamanho independente. Vejam-se as Cartas Paulinas: são compostas, ao todo, de 85 capítulos. Porém, isso não significa que o conjunto dos textos de São Paulo é maior do que a obra de Lucas e Atos. O Evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos, no texto em língua grega, somam 37.778 palavras, aproximadamente. Já as Cartas Paulinas somam, também aproximadamente, 32.303 palavras.

Segundo essa contagem, trata-se de quase 5.500 palavras a mais para a obra de Lucas e Atos dos Apóstolos em relação ao conjunto da obra paulina. Esse é um modo de indicar

²⁹ Uma análise diacrônica do texto de Mateus deixaria à mostra que estas duas partes de versículos têm uma evolução bem distinta. Elas correspondem a momentos diferentes da evolução do texto mateano. Cf., a respeito deste ponto, o estudo interessante de GRILLI, Massimo. *Comunità e Missione: le direttive di Matteo*. Indagine exegética su Mt 9,35—11,1, pág. 101–22.

³⁰ Cf. SALDARINI, Anthony J.. *A comunidade Judaico-Cristã de Mateus*, em especial as pág. 51–204.



o “peso” que esses textos têm. Claro que não basta ser maior para ser mais importante, contudo é um critério de informação para a valorização do que está escrito.

2.2.2. LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS

A ideia de que o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos formam uma obra literária é bem antiga. Na realidade, ela já está expressa no próprio livro de Atos dos Apóstolos e em Lucas. Vejamos: em Atos dos Apóstolos 1,1–3 lê-se:

Compus meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início, até o dia em que foi arrebatado, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo.

Em Lucas 1,1–4 lê-se:

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, a mim também pareceu conveniente, depois de acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste.

Um dos temas no estudo de Lucas é o destes dois textos chamados de prólogos, o do Evangelho segundo Lucas e o de Atos dos Apóstolos. Aqui não serão aprofundados, pois essa não é a intenção. O que se deseja mostrar agora é que um faz referência ao outro e repete ideias de abertura. Eis:

– **O nome Teófilo.** Encontra-se no prólogo de Lucas e no prólogo de Atos. Não se sabe quem é, no entanto a ele são dedicados os dois Livros.

– **Investigações.** Em Lucas o autor escreve a Teófilo anunciando que irá apresentar o fruto de suas investigações sobre Jesus. Em Atos ele indica que já fez isso, até o momento em que Jesus foi levado ou arrebatado ao céu.

– **Testemunho de muitos.** Em Lucas, no primeiro versículo, o autor indica que outros já tentaram escrever algo sobre o que havia acontecido com Jesus. Isso leva a entender que este autor, que é chamado de Lucas, conheceu outros testemunhos escritos sobre Jesus. Teria ele conhecido e lido o Evangelho segundo Marcos, que é o mais antigo? E o de Mateus? Haveria outros textos que hoje nos são desconhecidos? Isso tudo são perguntas interessantes.

Esse relacionamento que existe entre os dois prólogos sempre foi sinal de que Lucas e Atos dos Apóstolos são duas obras de um mesmo autor. Contudo, como nos Livros bíblicos nada é muito fácil, tem-se de considerar também que existem diferenças interessantes entre o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. É importante deixar claro que Atos dos Apóstolos é a sequência do Evangelho de Lucas. Chamam-se estes dois livros de “obra de Lucas”, como normalmente se indicam nos livros especializados.



III. ΤÓΠΟΙ “JUSTO” E “VIRGEM”

3.1. O CONCEITO DE JUSTIÇA NA ESCRITURA

O conceito de *justiça* é um dos mais presentes na Sagrada Escritura. Trata-se de uma palavra que reúne vários conceitos e ideias que orientam a própria identidade do fiel perante a Aliança. Como este trabalho não é exaustivo, faz-se aqui, como no caso da palavra e conceito *virgindade*, algumas escolhas metodológicas. São várias as possibilidades de abordar *justiça*, porém o que se observará é o Novo Testamento. O conceito *justiça* forma um campo semântico³¹ de grandes dimensões. Este campo comporta muitas expressões de justiça e seus afins: – Justiça própria de Deus ou de Jesus Cristo; – Justiça dos homens; – Coisas justas; – Justiça como situação; – Justificação como santificação.

E a lista poderia aumentar, contudo fica-se aqui com essas possibilidades³². O que se perceberá é que “justo” é o que está em sintonia de inteligência e afeto com o Senhor. Ele é o seguidor da Torah, que é o caminho para o Deus da Aliança.

3.1.1. ESCOLHAS METODOLÓGICAS

A escolha do campo conceitual é a de homem justo. Os textos nos quais aparece esse conceito são: Mateus 1,19 (texto privilegiado neste estudo); 5,45; 9,13; 10,41; 13,17.43.49; 23,28.29.35; 25,37.46; Marcos 2,17; 6,20; Lucas 1,6; 2,25; 5,32; 14,14; 15,7; 18,9; 20,20; 23,50; Atos dos Apóstolos 10,22 24,15; Romanos 1,17; 2,13; 3,10; 5,7.19; Gálatas 3,11; 1 Timóteo 1,9; Tito 1,8; Hebreus 10,38; 11,4; 12,23; Tiago 5,6.16; 1 Pedro 3,12; 4,18; 2 Pedro 2,7; 1 João 3,7; Apocalipse 22,11.

Dentre todos esses lugares em que ocorre a palavra “justo”, aqui se escolherá alguns que parecem ser significativos e estão em sintonia com o texto de Mateus 1,19, gerador dessa imagem de justo aplicado a José e que se deseja aqui abordar e esclarecer.

3.1.2. OS TEXTOS ONDE SE ENCONTRA (*HOMEM*) “JUSTO”

São vários os lugares onde se encontra a palavra “justo”. Uma leitura desses passos do Novo Testamento³³ vai criar no leitor uma ideia a respeito desse conceito e de seu significado como *tipós* importante para a compreensão do Mistério da Encarnação. Note-se

³¹ “Campo semântico” é o conjunto dos textos que apresentam palavras e conceitos que estão em acordo com uma ideia e conceito que os abrange todos. No caso, o campo semântico de justiça, o campo do homem justo, da própria justiça de Deus, da justificação.

³² Para uma maior e capilar abordagem deste tema, cf. SCHMOLLER, Alfred. *Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament*, pág. 123–127.

³³ Usar-se-á aqui a Bíblia de Jerusalém como base de tradução bíblica.



que aqui não se analisa a teologia do “justo”, e sim a identidade tipológica da palavra. Essa teologia do “justo” já foi anteriormente analisada³⁴.

[1] **Mateus 1,19.** *José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo.*

José é identificado como “justo”: *díkaios óv, sendo justo*. Todos os esforços de compreensão do termo “justo” estão em função de compreender esta passagem de Mateus. Em que sentido José é justo e, antes, o que isto, o ser justo, significa no contexto amplo da Revelação neotestamentária? Esse “justo” atribuído a José como sua identidade refere-se a um modelo de comportamento, portanto uma dimensão ética, ou uma postura de fundo, uma predisposição a algo superior?

[2] **Mateus 10,41.** *“Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá uma recompensa de profeta. E quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá uma recompensa de justo.”*

Nesse passo, o Evangelho de Mateus está comunicando diversas características do ser discípulo. O discípulo aqui tem a qualidade de “justo”, *dikaiou*, no genitivo singular. Essa afirmação leva a considerar que a qualidade de “justo” é especial e define quem a possui.

[3] **Mateus 13,17.** *Em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram.*

Aqui são os justos, *dikaioi*, nominativo plural. Tal como no passo anterior, a ideia é que estes justos têm uma característica própria e formam um grupo especial, que antes do nascimento do Messias desejavam ver seu dia. Os textos aqui apontam para várias direções da teologia bíblica e exegese.

Note-se que o versículo indica “profetas e justos”, colocando-os em um mesmo plano. O conceito e o prestígio dos profetas é algo incomum no Antigo Testamento e aqui os justos e eles formam como que um grupo coeso, pondo em relevo sua importância individual e comum.

[4] **Mateus 23,28.** *Assim também vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.*

Parece que a qualidade de justo pode enganar quem está menos atento ou não é avisado quanto à identidade do justo. A qualidade de “justo” é uma qualidade interior, pois ser justo por fora ou aparentar justiça de modo exterior não está em coerência com a identidade do discípulo.

[5] **Mateus 25,37.** *“Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber?”*

³⁴ Cf. NEGRO, Mauro. *O Justo José*. A vocação de José, no relato de Mateus. Revista de Cultura Teológica. Ano XX, nº 77, jan/mar 2012, p. 111–140.



Esse versículo é muito significativo, pois compõe uma perícopé de gênero apocalíptico conhecida. Trata-se da retribuição dos iníquos e dos justos e o critério para tanto é a compaixão, a misericórdia, o que sugere que os justos devem estar dentro desse ambiente. A perplexidade dos “justos” que são chamados pelo Senhor é compreendida, pois eles não O viram claramente em quem serviam. Mas Ele lá estava.

Todos conhecem essa parábola. O que se evidencia aqui é a prática dos “justos”, que foram misericordiosos e permitiram que a compaixão os levasse avante.

[6] **Mateus 25,46.** *E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna.*

Na mesma perícopé anterior, aqui se evidencia o resultado do compromisso dos não justos e dos justos. Os primeiros vão para o castigo eterno e os justos se identificam com o Senhor, pois partem para a vida eterna. Os justos parecem que compõem um grupo de pessoas distintas dos corrompidos. Isso sugere uma dedicação ou direção de inteligência e afeto da parte dos Justos, o que pode ter um paralelo bem claro com a virgindade da “virgem”.

[7] **Marcos 6,20.** *Pois Herodes tinha medo de João e, sabendo que ele era um homem justo e santo, o protegia. E quando o ouvia, ficava muito confuso e o escutava com prazer.*

Herodes, um homem não justo, reconhecia João Batista como “homem justo e santo”. Se o conceito de “santo” é também de notável relevo na Revelação, “justo e santo” formam uma díade interessante e marcante. O justo tem algo a ver com o santo e este é um reflexo da identidade do próprio Deus.

[8] **Lucas 1,6.** *Ambos eram justos diante de Deus e, de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor.*

Dentro dos Evangelhos dos Mistérios da Vida escondida de Jesus, encontra-se esse texto relativo a Izabel e Zacarias: ambos são justos. É interessante que se pode evidenciar um certo paralelo na compreensão dos personagens, tendo por base a sua identificação. Mateus 1,19: *José, seu esposo, sendo justo...* Lucas 1,6: *Ambos (Izabel e Zacarias) eram justos...* O Evento da Encarnação acontece com pessoas que são identificadas como “justas”, passíveis de acolher a intervenção de Deus na história.

[9] **Lucas 1,17.** *Ele caminhará à sua frente, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto”.*

Aqui é apresentado um modelo: *prudência dos justos*. Isso relaciona uma qualidade para o justo: a prudência. Parece pouco, no entanto é um caminho de compreensão.

[10] **Lucas 2,25.** *E havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e piedoso; ele esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele.*



Mais um personagem que nos relatos de anunciação é identificado como “justo”. Mateus 1,19: *José, seu esposo, sendo justo...* Lucas 1,6: *Ambos (Izabel e Zacarias) eram justos...* Lucas 2,25: *...(Simeão) que era justo...*

[11] **Romanos 1,17.** *Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O justo viverá da fé.*

Veja-se o comentário abaixo.

[12] **Romanos 2,13.** *Porque não são os que ouvem a Lei que são justos perante Deus, mas os que cumprem a Lei é que serão justificados.*

A ideia de justificação é que ela vem pelo cumprimento da Lei ou Torah, porém isso seguramente de uma forma coerente, não farisaica. Se considerar-se que este texto está na sequência do texto anterior, de Romanos 1,17 quando se lê que o “justo viverá de fé”, pode-se compreender que a justiça, para quem é chamado à Aliança, como o Povo Judeu o foi, é a vivência da fé a partir dos preceitos da Torah. No entanto, o justo tem a Fé como seu caminho privilegiado. Ele vive de Fé.

[13] **Romanos 5,19.** *De modo que, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.*

A obediência cria a justiça em quem a pratica. Trata-se da observância da Torah, do “espírito da Torah”, não da letra, pois Paulo parece que tem certa dificuldade em compreender que a observância direta da Lei, como texto proposto, é o caminho. A obediência então é a adesão de inteligência e de vontade ao que a Torah apresenta como caminho para Deus. A desobediência de um só, Adão³⁵, gera a distância do homem em relação a Deus. Trata-se do pecado original³⁶, negação e desvio do caminho desejado pelo Deus da Aliança. A obediência de um só, Jesus, o segundo Adão, torna possível a justificação, que é o estar em Deus, na sua presença. Somente o “justo”, e segundo este estudo, a “virgem”, entendida no sentido amplo e metafórico de dedicação a Deus, podem criar condições para a Encarnação.

[14] **Gálatas 3,11.** *E que pela Lei ninguém se justifica diante de Deus é evidente, pois o justo viverá pela fé.*

Veja-se o comentário abaixo.

[15] **Hebreus 10,38.** *O meu justo viverá pela fé; mas, se esmorecer, nele não encontro mais nenhuma satisfação.*

³⁵ O próprio Adão é um *tipós* a ser considerado. É o homem em sua identidade própria, sua relação com o mundo, os outros homens e Deus. Este *tipós* é aplicado também a Jesus, o que aqui se faz neste artigo.

³⁶ Quanto a uma pontuação adequada sobre o pecado original, cf.: MALDAMÉ, Jean-Michel. *O pecado original*. Fé cristã, mito e metafísica. Nesta obra, recentemente publicada em português (original francês de 2008), o autor, com propriedade e perspicácia investiga este interessante e importante tema.



Em alguns versículos, a insistência é a da vida a partir da Fé, conforme a passagem de Habacuc 2,4–5 na versão de LXX. Note-se que este texto identifica o justo no contexto da comunhão com Deus e a Aliança.

3.2. O CONCEITO DE VIRGINDADE NA ESCRITURA

A ideia de *virgindade* na Escritura, de modo seletivo aqui no Novo Testamento, não tem a mesma extensão que a ideia de *justiça*. Aliás, a palavra não aparece muitas vezes, nem tem uma incidência tão evidente na formulação dos argumentos. Não obstante, pode-se encontrar um certo padrão e é esse que se busca aqui compreender.

Virgem é *parthénos*, e o vocábulo encontra-se poucas vezes do Novo Testamento. Especificamente em oito passos, com as naturais particularidades que a língua grega impõe, relativas ao caso, bem como gênero e número. A palavra encontra-se em Mateus 1,23; 25,1–14; Lucas 1,27; 2,36; Atos dos Apóstolos 21,9; 1 Coríntios 7,36.37.38; 2 Coríntios 11,2; Apocalipse 14,4.

[1] **Mateus 1,23.** É o texto do anúncio onírico a José. O texto é: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: "Deus está conosco"*.

É um texto que desafia enormemente a pesquisa, pois concentra diversos elementos. O que se destaca é que o versículo é uma citação direta de Isaías 7,14, no contexto da profecia do Emanuel. À parte a questão da tradução de *há 'almáh, a (mulher) jovem, para parthénos, virgem*.

Uma primeira aproximação com o texto, sem a consideração da tradução do hebraico para o grego, é que *parthénos*, é “virgem” em sentido físico.

[2] **Mateus 25,1–14.** Esta é a “parábola das dez virgens”. A palavra “virgem” aqui é metafórica, pois se refere àqueles que esperam o Cristo, também metaforicamente representado como um esposo.

¹Então o Reino dos Céus será semelhante a dez *virgens* que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. ²Cinco eram insensatas e cinco, prudentes. ³As insensatas, ao pegarem as lâmpadas, não levaram azeite consigo, ⁴enquanto as prudentes levaram vasos de azeite com suas lâmpadas. ⁵Atrasando o noivo, todas elas acabaram cochilando e dormindo. ⁶Quando foi aí pela meia-noite, ouviu-se um grito: 'O noivo vem aí! Saí ao seu encontro!' ⁷Todas as *virgens* levantaram-se, então, e trataram de aprontar as lâmpadas. ⁸As insensatas disseram às prudentes: 'Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando'. ⁹As prudentes responderam: 'De modo algum, o azeite poderia não bastar para nós e para vós. Ide antes aos que vendem e comprai para vós'. ¹⁰Enquanto foram comprar o azeite, o noivo chegou e as que estavam prontas entraram com ele para o banquete de núpcias. E fechou-se a porta. 'Finalmente, chegaram as outras *virgens*, dizendo: 'Senhor, senhor, abre-nos!' ¹²Mas ele respondeu: 'Em verdade vos digo: não vos conheço!' ¹³Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora.



[3] **Lucas 1,27.** A palavra encontra-se duas vezes no passo do anúncio do anjo a Maria em Lucas 1,27. Lá ela está como *parthénon*, *virgem*, substantivo, acusativo, feminino, singular, na primeira vez, e *parthénou*, *da virgem*, substantivo, genitivo, feminino, singular. Não há diferença teológica substancial do primeiro uso em relação ao segundo, apenas gramatical e fraseológica.

²⁶*No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré,* ²⁷*a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.*

O que se debate aqui neste artigo é justamente a qualidade dessa ideia que a palavra “virgem” apresenta. Para tanto, considere-se os outros lugares onde se encontra o conceito.

[4] **Lucas 2,36.** Aqui a palavra é “virgindade”, *parthenías*, substantivo no genitivo feminino singular. Trata-se da situação descrita a respeito de Ana, a anciã que estava no Templo e refere-se a Jesus como especial. O texto é: *Havia também uma profetisa chamada Ana, de idade muito avançada, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Após a virgindade, vivera sete anos com o marido.*

[5] **Atos dos Apóstolos 21,9.** Trata-se da menção às filhas de Filipe, possivelmente um dos sete diáconos que haviam sido escolhidos pelos Apóstolos para o “serviço às mesas”, como se lê em Atos 6,1–7. Ele tinha quatro filhas como “virgens”, *parthénoi*, substantivo, nominativo, feminino, plural. Segue o texto:

⁸*Partindo no dia seguinte, dirigimo-nos a Cesareia. Lá dirigimo-nos à casa de Filipe, o Evangelista, que era um dos Sete, com quem nos hospedamos.* ⁹*Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam.*

O sentido parece ser o físico. As quatro moças não tinham experiências sexuais.

[6] **1 Coríntios 7,36.37.38.** Neste passo a palavra aparece como *parthénon*, (*sua*) *virgem*, substantivo, acusativo, feminino singular. Em 1 Coríntios 7, o termo está grafado três vezes, em sequência: nos vv. 36, 37 e 38. Eles fazem parte de uma passagem relativa às informações sobre o matrimônio e a sua oportunidade. O texto é este³⁷:

Se alguém julga agir de modo inconveniente para com a sua virgem, deixando-a passar da flor da idade, e que portanto deve casá-la, faça o que quiser; não peca. Que se realize o casamento! Mas aquele que, no seu coração, tomou firme propósito, sem coação e no pleno uso da própria vontade, e em seu íntimo decidiu conservar a sua virgem, esse procede bem. Portanto, procede bem aquele que casa a sua virgem; e aquele que não a casa, procede melhor ainda.

O termo “virgem” parece referir-se à filha ou mulher dependente diretamente de um responsável. Não apresenta qualquer conotação fora do contexto físico, não sendo imagem metafórica. Assim “virgem” aqui é uma pessoa, uma mulher, com a integridade sexual intacta.

³⁷ Segundo “A Bíblia de Jerusalém”.



[7] **2 Coríntios 11,2.** Outro lugar onde o termo “virgem”, na forma de substantivo, acusativo, feminino singular, é 2 Coríntios 11,2, no contexto de uma apologia pessoal do apóstolo relativa à comunidade/Igreja de Corinto. Eis o texto:

*Experimento por vós um zelo semelhante ao de Deus. Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como **virgem** pura.*

Aqui não se trata de virgem no sentido físico, mas de modo metafórico se fala de “virgem” para indicar alguém que não está corrompido pela ação contrária à de Cristo. Esta é uma imagem interessante de ser analisada como *tópos* comunicativo de uma atitude ou identidade do Evangelho.

[8] **Apocalipse 14,4.** Tem-se aqui mais uma visão metafórica para “virgem”. Tem-se aqui *parthénoi*, “virgens”, substantivo, nominativo, masculino plural. Note-se que o texto aqui tem algo a ver com o anterior, pois ambos estão em um contexto de gênero literário apocalíptico. Enquanto lá a imagem das virgens é indicação dos fiéis em Cristo que o esperam como Esposo, neste texto de Apocalipse as virgens são pessoas e não tiveram contato com mulheres. Note-se que não são “virgens” de gênero feminino, e sim masculino. Este é um campo completamente metafórico, pois se trata de uma relação de culto e seguimento de deuses pagãos.

*Estes são os que não se contaminaram com mulheres: são **virgens**. Estes seguem o Cordeiro, onde quer que ele vá. Estes foram resgatados dentre os homens, como primícias para Deus e para o Cordeiro.*

A questão é que o sentido físico para a palavra “virgem” é mais usado, quatro sobre oito. O sentido metafórico, porém, é usado três vezes sobre oito. Mas o sentido que pode ser ainda debatido e considerado é o físico e metafórico. Aliás, é esta a tese deste artigo: Mateus 1,23, servindo-se do texto de Isaías 7,14 na tradução da LXX, indica o sentido “virgem” como sendo algo físico, mas, também, metafórico, ligado a um sentido de vida que se relaciona à vivência da Graça.

QUADRO COMPARATIVO DO SENTIDO DE VIRGEM

Sentido físico	Lucas 1,27	Lucas 2,36	Atos 21,9	1 Coríntios 7,36.37.38
Sentido metafórico	Mateus 25,1–14	2 Coríntios 11,2	Apocalipse 14,1	
Sentido físico e metafórico	Mateus 1,23			



3.3. TENTATIVA DE SÍNTESE

A síntese entre estes conceitos que aqui são identificados como *tópoi* não é simples como pode parecer. O elo não parece tão definido, contudo intuitivamente afirmando, parece que ele existe. O Justo deve viver de fé. José e Maria, o Justo e a Virgem, citados em Mateus 1,19, encontram-se irmanados em um mesmo projeto de vida: a obediência da fé, como se lê nos testemunhos posteriores no próprio Novo Testamento. Eles estão com a inteligência e o afeto voltados para o Mistério que está acontecendo e que a Teologia chamará de Encarnação.

José é o *justo, díkaios*, que vive de fé e está à sombra da Escritura. Maria é a *parthenós*, que acolhe o Messias em si mesma, pois ela está “virgem”, isto é, além de intocada fisicamente, de modo muito especial dedicada ao Deus da Aliança expresso na Torah e nos Profetas.

CONCLUSÕES — PERSPECTIVAS

1. JOSÉ, ESPOSO DE MARIA E PAI DE JESUS: “O JUSTO”

No texto de Mateus, que fala de justiça e que a exige como qualidade de pertença ao Reino dos Céus, José é identificado, logo no início, como “justo”. Em 1,19 lê-se: *José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo*. Somente este versículo já daria possibilidades teológicas interessantes.³⁸ O que sobressai aqui é a prática que o personagem, identificado como “justo”, realiza por conta de sua justiça. Ele tinha a possibilidade, segundo o texto de Mateus, de denunciar sua esposa, Maria, contudo decidiu repudiá-la ou desligá-la em segredo. A pergunta que se faz é: por que essa situação? Tomando-se o texto na sua expressão narrativa e interpretando-o como um fato também vivenciado, não apenas teologizado, uma resposta parece óbvia: por amor à noiva, futura esposa. Outra resposta que pode aqui ser muito elucidativa é pela justiça que José experimenta.

2. JUSTIÇA E VIRGINDADE: SINAIS DO REINO DOS CÉUS

O Reino dos Céus é inaugurado pelo Evento da Encarnação. Neste Evento, os “justos” e “virgens” devem dar a ele espaço. É notável como a ideia de justiça aplicada aos personagens está presente neste momento. José, pai de Jesus, no Evangelho de Mateus; Zacarias e Izabel, parentes de Maria, no relato de Lucas; Simeão, que no Templo aguardava

³⁸ Cf. o estudo de NEGRO, M. O Justo José. In: *Revista de Cultura Teológica*. PUC São Paulo; Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo (impressão: Paulus), Vol. XX, Nº 77, jan/mar 2012, pág. 111–40. José aparece identificado como o Justo que vai além da Lei, subentendida no texto como conhecida da parte de quem o lê. Ele corresponde, seguramente, ao novo modelo de discípulo que se estabelecerá no Sermão da Montanha, em especial no texto que aqui se analisa.



o Messias, também conforme o texto de Lucas: todos eles são classificados como “justos”.

Se é possível fazer o paralelo com o conceito ou *tipós* de virgem, aplicado a Maria, também no texto de Mateus, e reconhecer que o autor de Mateus desejava comunicar a identidade teológica dos personagens, então “virgem” e “justo” podem ser considerados como duas faces distintas, porém pertencentes a uma mesma ideia.

Justo é o que está no caminho de Deus, na Torah que leva à salvação. Isso compreendia muito bem o justo que a ela, a Torah, buscava de todo coração e inteligência. Virgem é a que se dedica ao Senhor, oferecendo a ele suas forças e vitalidade. Não é possível entender aqui a virgindade apenas como um dado físico, mas sim a uma disposição interior em aderir à Torah,

Este é um estudo difícil, pois parece para alguns que é quase destruidor das imagens que a piedade tradicional e o modo de crer o Evento Encarnação propõe. Porém, trata-se de observar este mesmo Mistério, da Encarnação, como capacidade de diálogo teológico com a própria Verdade da Encarnação. Deve-se, neste ponto, acolher a Palavra revelada por Paulo em 1 Coríntios 13,12: *Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido.*

A visão do Mistério, ainda confusa³⁹, será superada um dia pela visão beatífica. É assim que a Igreja crê. O sentido que isso tudo tem no contexto do Mistério da Encarnação: a Justiça que agora se espera é a justiça inaugurada pelos justos que estão construindo a história. Eles e os que têm a identidade de “virgens”, separados pela recepção da graça que transforma.

BIBLIOGRAFIA

ALETTI, Jean-Noël, et alii. *Vocabulario razonado de la exégesis bíblica. Los términos, las aproximaciones, los autores*, pág. 111.

BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias*,

DA SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica*,

GRILLI, Massimo. *Comunità e Missione: le direttive di Matteo. Indagine esegética su Mt 9,35—11*,

JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*,

McKENZIE, John L. *Evangelio segun San Mateo*. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentario bíblico “San Jeronimo”*. Tomo III

³⁹ “Confuso” significa misturado, com um elemento dentro de outro, em fusão ou unidade forçada. A visão confusa é fruto da incapacidade de compreender o que é distinto. O homem, ainda na história de sua existência temporal, não pode compreender o que é de outro mundo, o escatológico.



NEGRO, Mauro. *O Justo José. A vocação de José, no relato de Mateus*. Revista de Cultura Teológica. Ano XX, nº 77, jan/mar 2012.

SALDARINI, Anthony J., *A comunidade Judaico-Cristã de Mateus*

SCHMOLLER, Alfred. *Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

SICRE, José Luis. *De Davi ao Messias. Textos básicos da esperança messiânica*. Trad.: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*.

STRAMARE, Tarcísio. *Vangelo dei Misteri della Vita Nascosta di Gesù. Matteo e Luca I-II*. Bornato in Franciacorta: Casa Editrice Sardini, 1998.

TRILLING, Wolfgang. *Il vero Israele*.

VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*, pág. 10–11.